

Tosse: Uma Preocupação? Perspetiva dos Pais

Does Cough Matter? Parents' Perspectives

Marta Martins, Maria Filomena Cardosa, Marta Almeida, Rita Marques, Filipa Nunes, Margarida Pinto, Manuela Braga

Acta Pediatr Port 2018;49:121-7
DOI: 10.21069/APP.2018.10845

Resumo

Introdução: A tosse é um dos sintomas mais comuns em idade pediátrica. O recurso a fármacos é frequente, apesar da sua eficácia e segurança não estarem comprovadas. O objetivo deste estudo foi compreender a perspetiva que os cuidadores têm da tosse e descrever as medidas terapêuticas mais utilizadas.

Métodos: Estudo transversal e observacional, que decorreu de fevereiro a abril de 2016, através da aplicação de um questionário a uma amostra de cuidadores de crianças admitidas na urgência pediátrica de um hospital de nível II.

Resultados: Foram recolhidas 220 respostas. Quase todos os participantes eram pais (94%), do sexo feminino (82%), com idade média de 37 anos. Dois terços tinham o ensino secundário ou ensino superior. A maioria dos cuidadores (63%) considerou a tosse um mecanismo de defesa, embora tenham admitido ficar muito preocupados quando o seu filho tosse (56%). Mais de metade dos cuidadores (56%) admitiu ter administrado fármacos para a tosse no último Inverno, dos quais 62% foram prescritos por um médico. A utilização de fármacos foi maior nos pais com menor grau de instrução. A maioria dos pais considerou terem sido eficazes (72%) e apenas um terço os considerou como potencialmente perigosos.

Discussão: Este estudo sugere que a tosse é um sintoma ainda mal compreendido pelos pais, levando a uma utilização frequente de fármacos. Verificou-se igualmente uma elevada prescrição médica. Destaca-se a importância da formação dos profissionais de saúde e dos pais para uma melhor abordagem da tosse na criança.

Palavras-chave: Antitussígenos/uso terapêutico; Conhecimentos, Atitudes e Prática em Saúde; Criança; Expectorantes/uso terapêutico; Inquéritos e Questionários; Pais; Portugal; Tosse/tratamento

Abstract

Introduction: Cough is one of the most common symptoms in children. Cough and cold medications are widely used despite their unproven efficacy and safety issues. The aim of this study was to understand caregivers' perspectives on cough and to assess the most common therapeutic measures.

Methods: A cross-sectional observational study was conducted from February to April 2016. Data were obtained through a survey applied to a sample of caregivers of children admitted to the emergency department of a secondary care hospital.

Results: Two hundred and twenty responses were collected. Most participants were parents (94%), female (82%), and mean age was 37 years. Two-thirds had completed secondary school or higher education. Most caregivers (63%) agreed that cough is a defensive mechanism but reported feeling very worried when their child coughed (56%). More than half of the participants

(56%) admitted to using cough medication in the last winter, for which more than half (62%) had a medical prescription. Less educated caregivers had significantly higher rates of medication use. Most caregivers had an impression of effectiveness (72%) and only one third of them considered drugs as potentially dangerous.

Discussion: This study suggests that cough is still a poorly understood symptom which leads to frequent use of cough medication. There is also a high rate of medical prescription. We highlight the importance of educational interventions among healthcare professionals and parents, in order to improve cough treatment in children.

Keywords: Antitussive agents/therapeutic use; Child; Cough/drug therapy; Expectorants/therapeutic use; Health Knowledge, Attitudes, Practice; Parents; Portugal; Surveys and Questionnaires

Serviço de Pediatria, Hospital Garcia de Orta, Almada, Portugal

Correspondência

Marta Martins

marta.martins@hgo.min-saude.pt

Serviço de Pediatria, Hospital Garcia de Orta, Av. Torrado da Silva, 2805-267 Almada, Portugal

Recebido: 26/02/2017 | Aceite: 04/10/2017

Introdução

A tosse é um dos sintomas mais comuns em idade pediátrica e que pode ser muito perturbador para a criança e para os pais. Ainda que seja uma manifestação relativamente benigna e de resolução espontânea, constitui uma fonte importante de preocupação para os pais e motiva muitas vezes a ida à urgência / consulta e o recurso a terapêutica farmacológica.¹ Apesar de a sua eficácia não estar comprovada no tratamento da tosse,^{2,3} tem sido descrita a utilização de vários fármacos, principalmente mucolíticos, antitússicos e anti-histamínicos. De acordo com um estudo, uma em cada 10 crianças e adolescentes utiliza um destes fármacos a cada semana, sendo a administração mais frequente na faixa etária entre os 2-5 anos, seguida das crianças com menos de 2 anos.¹

Nos EUA, estima-se que mais de 7000 crianças recorram à urgência pediátrica (UP) por ano, por sintomatologia atribuída a este tipo de fármacos, dos quais dois terços são por ingestão acidental.^{4,5} Em várias séries de casos, intoxicações por estes medicamentos foram associadas a efeitos cardiovasculares, perturbações neurológicas e mesmo à morte.^{4,5} Perante estes dados, a Food and Drug Administration (FDA) emitiu uma recomendação em 2007 para a não utilização de fármacos no tratamento da tosse abaixo dos 2 anos de idade. A ausência de benefício e o potencial risco de toxicidade e de efeitos adversos graves não tem, contudo, desincentivado o seu uso.⁴⁻⁶ Pelo contrário, estudos mais recentes mostram que os pais continuam a recorrer a terapêutica farmacológica.⁷⁻¹⁰ Em Portugal, desconhece-se o padrão de utilização de fármacos na terapêutica da tosse, assim como de recurso a medidas não farmacológicas. Com este estudo pretende-se compreender a perspetiva que os pais têm da tosse, de que forma lidam com a mesma e aferir o recurso a terapêutica farmacológica e não farmacológica.

Métodos

O estudo decorreu de fevereiro a abril de 2016 na UP de um hospital de nível II. Os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário a uma amostra de conveniência de acompanhantes de crianças e adolescentes que recorreram à UP nesse período de tempo, independentemente do motivo por que o fizeram.

O questionário foi elaborado a partir de uma revisão da literatura e de estudos semelhantes, tendo sido submetido a teste piloto. Além da caracterização sociodemográfica, as perguntas incidiram sobre a atitude perante a tosse e o recurso a medicamentos, incluindo motivo de

preocupação, fonte de aconselhamento, medidas terapêuticas instituídas, frequência de utilização de fármacos, fármacos utilizados, prescritor, efeito e impressão sobre a eficácia e segurança dos medicamentos. A maioria das perguntas foi de tipo escolha múltipla, à exceção da última, que incluiu várias afirmações sobre a perceção dos pais sobre a tosse, motivos de preocupação e impressão sobre eficácia e segurança de medicamentos e na qual foi pedido para classificar cada afirmação de acordo com o grau de concordância, usando uma escala de um (discordo completamente) a cinco (concordo completamente).

Foram admitidos no estudo pais ou outros acompanhantes que fossem cuidadores da criança ou adolescente e excluídos os acompanhantes de todas as crianças consideradas instáveis do ponto de vista clínico. O questionário foi entregue pela equipa de enfermagem após o processo de triagem e recolhido pelo médico durante a observação.

A participação no estudo foi voluntária e anónima e nenhum dos dados recolhidos permitiu a identificação do participante.

Os dados foram submetidos a análise descritiva para cálculo de médias, medianas, desvio-padrão (DP) e proporções e os resultados são apresentados maioritariamente em percentagem. As diferenças de proporções entre grupos foram testadas com recurso ao teste de Fisher e ao teste de qui-quadrado. Considerou-se um nível de significância de 0,05. A análise estatística foi realizada através dos *softwares* Microsoft Excel® e GraphPad Prism 5® (Graph-Pad Software).

Resultados

Foram entregues 250 questionários e obtidas 220 respostas, o que correspondeu a uma taxa de participação de 88%.

Caracterização sociodemográfica

A amostra foi constituída maioritariamente por pais (94%), sendo os restantes avós (2%), tios (2%) ou irmãos (0,5%); 1,5% não responderam. A maioria dos participantes era do sexo feminino (82%), com uma idade média de 37 anos (DP 7,7 anos). Em 85% dos casos eram de nacionalidade portuguesa, 6% eram de nacionalidade brasileira, 3% eram oriundos de países africanos e 2% tinham outra nacionalidade / origem; 4% não responderam. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria detinha o ensino secundário (35%) ou ensino superior (33%) e os restantes o terceiro (18%), segundo (10%) ou primeiro (4%) ciclos do ensino básico.

A idade média das crianças conduzidas à UP foi de 6

anos (DP 4,8 anos); 28% tinham uma idade ≤ 2 anos. Das 220 crianças incluídas, 27 tinham uma doença crónica (12%) e 188 eram saudáveis (86%); 2% não responderam. Cerca de metade das crianças ($n = 15$; 56%) cujos cuidadores disseram ter uma doença crónica sofriram de asma ou rinite alérgica.

Em 25% dos casos a tosse foi o motivo ou um dos motivos que justificou o recurso à UP.

A tosse é uma preocupação?

Com o objetivo de aferir o grau de preocupação dos pais perante uma criança com tosse foi pedido que classificassem várias afirmações de acordo com a sua opinião. A primeira afirmação - "A tosse é um mecanismo de defesa do organismo" - recolheu 63% de respostas concordantes, 18% de respostas neutras (não concordo nem discordo) e 10% de respostas discordantes. A afirmação seguinte - "A tosse faz mal às crianças" - obteve 37% de respostas concordantes, 29% neutras e 26% discordantes. Perante a afirmação "Quando o meu filho tem tosse fico muito preocupado", a maioria (56%) disse que concordava, comparativamente a 16% que discordaram e 20% que responderam que não concordavam nem discordavam (os resultados completos constam da Tabela 1). Quer na primeira quer na segunda afirmação a distribuição das respostas foi variável consoante o grau de escolaridade dos pais. No primeiro caso, a proporção de pais que concordaram que a tosse é um mecanismo de defesa aumentou com o nível escolaridade (segundo ciclo 42%, terceiro ciclo 54%, ensino secundário 73%, ensino superior 83%), diferença essa estatisticamente significativa ($p = 0,0086$) (Fig. 1). No segundo caso, a proporção de pais que concordaram que a tosse faz mal ao seu filho diminuiu com o grau de escolaridade (segundo ciclo 70%, terceiro ciclo 45%, ensino secundário 43%, ensino superior 18%) ($p = 0,0002$) (Fig. 2). Em ambas as questões não foi incluído o primeiro ciclo na análise estatística, pela reduzida dimensão amostral. Em relação à terceira afirmação parece haver alguma

variação da distribuição das respostas com a escolaridade, no entanto esta diferença não foi estatisticamente significativa (Fig. 3).

A afirmação "Habitualmente a tosse só me preocupa quando demora muitos dias a passar" reuniu 76% de respostas concordantes, 15% discordantes e 4% neutras. A maioria (60%) também concordou com a afirmação "A tosse só me preocupa se tiver febre associada", restando 27% que discordaram e 6% com resposta neutra (os resultados completos constam da Tabela 1). Em ambas as questões não se verificaram variações de respostas com o nível de escolaridade.

Aos cuidadores de crianças em que a tosse foi o motivo de recurso à UP ($n = 54$) foi ainda questionado qual o fator que inspirava maior preocupação e que os teria levado a recorrer à UP (questão de resposta aberta). Cerca de um quarto da amostra (22%) referiu a dificuldade respiratória e cerca de um quinto (17%) a possibilidade de uma doença grave. Tanto a persistência da tosse como a presença de febre foram apontadas por 15% dos pais. Os restantes mencionaram a ocorrência de vômitos (5,5%) e a presença de outros sintomas respiratórios (5,5%) como o principal fator de ansiedade. Apenas 1,5% disseram ser o desconforto com a tosse o motivo de preocupação; 18,5% não responderam.

Que atitudes perante a tosse?

A maioria dos cuidadores (65%; $n = 142$) disse pedir habitualmente aconselhamento a um profissional de saúde acerca da tosse, dos quais cerca de um quarto (26%) o fez junto do médico de família, 25% junto do pediatra assistente e 24% junto do farmacêutico. Os restantes apontaram outro médico (20%), a linha Saúde 24 (11%), o enfermeiro de família (1%), a UP (1%) e a Internet (1%) como as suas fontes de informação (questão com múltiplas respostas).

Como formas de alívio da tosse, a maioria recorreu à lavagem nasal (61%) e ao reforço da hidratação (50%). Cerca de metade (49%) dos inquiridos disse adminis-

Tabela 1. Grau de concordância com as afirmações enunciadas ($n = 219$)

Afirmação	Discordo completamente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo completamente	Não respondeu
A tosse é um mecanismo de defesa do organismo	3% (6)	7% (15)	18% (40)	44% (96)	19% (42)	9% (20)
A tosse faz mal às crianças	8% (16)	19% (42)	29% (63)	29% (64)	7% (16)	8% (18)
Quando o meu filho tem tosse fico muito preocupado	2% (5)	14% (30)	20% (43)	37% (82)	19% (42)	8% (17)
Habitualmente, a tosse só me preocupa quando demora muitos dias a passar	4% (9)	11% (24)	4% (8)	52% (115)	24% (52)	5% (11)
A tosse só me preocupa se tiver febre associada	7% (16)	20% (44)	6% (13)	31% (68)	29% (64)	7% (14)
Os medicamentos para a tosse podem ser perigosos	3% (7)	16% (36)	38% (83)	31% (67)	6% (42)	6% (14)
Os xaropes para a tosse são eficazes e seguros	2% (4)	16% (35)	47% (103)	27% (60)	3% (6)	5% (11)

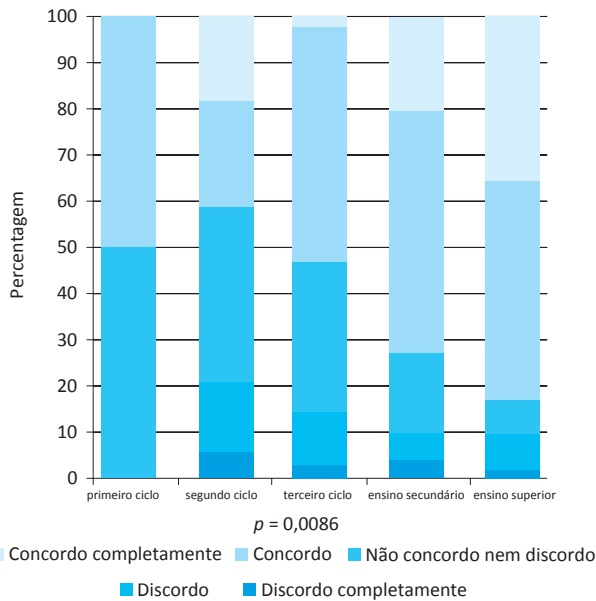


Figura 1. Grau de concordância com a afirmação "A tosse é um mecanismo de defesa do organismo" por nível de escolaridade do cuidador (n = 199).

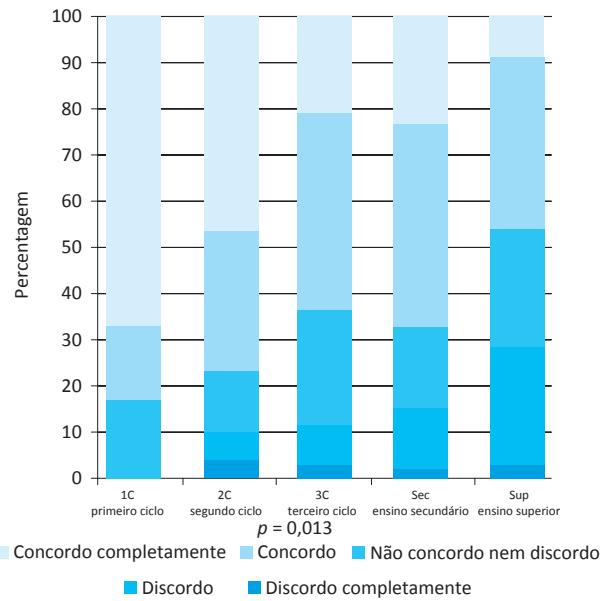


Figura 3. Grau de concordância com a afirmação "Quando o meu filho tem tosse fico muito preocupado" por nível de escolaridade do cuidador (n = 200).

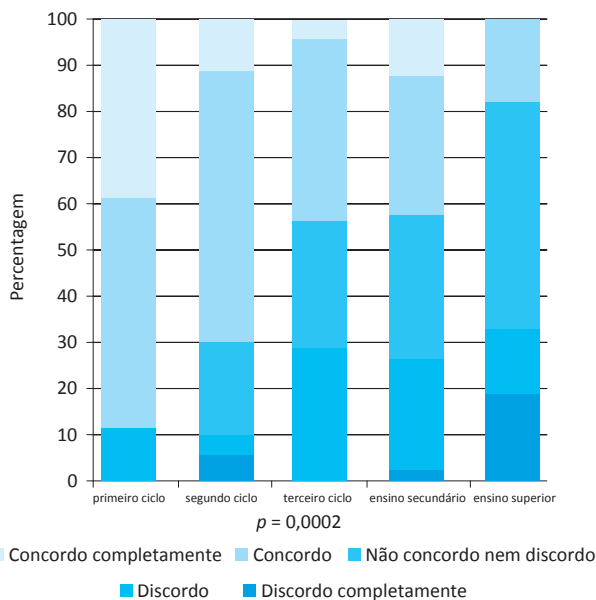


Figura 2. Grau de concordância com a afirmação "A tosse faz mal às crianças" por nível de escolaridade do cuidador (n = 200).

trar habitualmente um fármaco / xarope para a tosse e quase um terço (29%) um xarope caseiro. O recurso a aerossol com soro fisiológico foi reportado por 33% dos pais, 1% não responderam (questão com múltiplas respostas).

A administração de fármacos / xarope foi maior (64%) na faixa etária dos 6-11 anos e acima dos 11 anos (61%), seguida dos 3-5 anos (50%). Na faixa etária abaixo dos 2 anos, a utilização foi de 22% (Fig. 4).

O recurso a fármacos para o tratamento da tosse foi significativamente superior nos cuidadores com menor

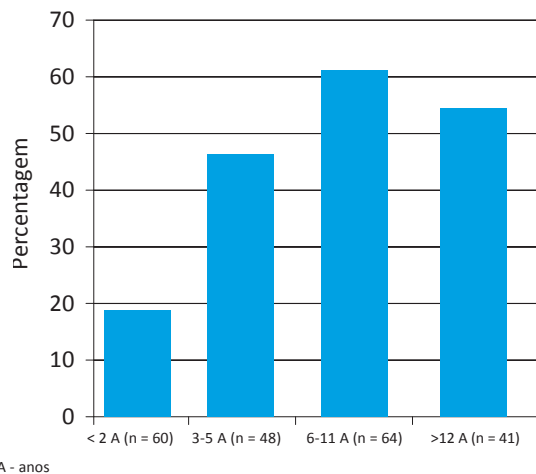


Figura 4. Utilização de fármacos no tratamento da tosse por faixa etária da criança (n = 213).

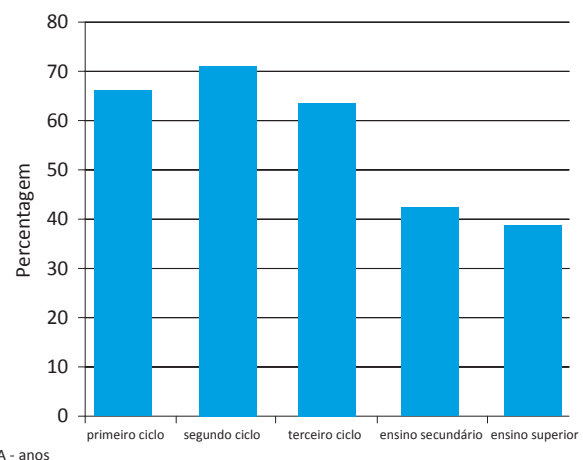


Figura 5. Administração de fármacos no tratamento da tosse por nível de escolaridade do cuidador (n = 216).

grau de escolaridade (primeiro ciclo 67%, segundo ciclo 71%, terceiro ciclo 63%) em comparação com os cuidadores com maior escolaridade (ensino secundário 42%, ensino superior 39%) ($p = 0,013$) (Fig. 5).

Quando questionados acerca da utilização de fármacos para a tosse no último Inverno, a maior parte dos cuidadores (56%) admitiu ter recorrido aos mesmos. Em contrapartida, 42% negaram o uso de terapêutica farmacológica nesse período de tempo; 2% não responderam.

Os fármacos que os pais mais administraram foram expectorantes / mucolíticos (36%), anti-histamínicos (15%) e produtos naturais / homeopáticos (14%). Uma percentagem inferior reportou o uso de antitússicos (5%). Outros fármacos foram ainda mencionados, nomeadamente a alfa-amilase (3%), ibuprofeno e outros anti-inflamatórios não esteroides (2%), paracetamol (2%) e antibióticos (2%) (questão com múltiplas respostas). De referir que 8% da amostra referiu mais do que um medicamento.

Na maioria dos casos (62%; $n = 89$), o fármaco / xarope foi prescrito por um médico, dos quais em 60% o médico de família ($n = 53$) e em 37% o pediatra assistente ($n = 33$); 3% tinham sido prescritos por ambos. Em 28% dos casos foi aconselhado pelo farmacêutico ($n = 41$). Nos restantes, o fármaco foi sugerido pelo enfermeiro (1%; $n = 2$) e por amigos ou familiares (3%; $n = 4$). Apenas 1% mencionou anúncios ou outros meios publicitários ($n = 1$); 5% não responderam.

Ao analisar-se o grupo de crianças na faixa etária ≤ 2 anos ($n = 61$), constatou-se uma proporção maior (34%, $n = 21$) de crianças medicadas no último Inverno, comparativamente à utilização referida pelos pais como habitual (22%). Cinquenta e nove por cento ($n = 36$) não tinham utilizado nenhum fármaco nesse período de tempo; 7% ($n = 4$) não responderam. Das crianças medicadas, 62% ($n = 13$) tinham prescrição médica e 38% não ($n = 8$).

Os fármacos usados são eficazes e seguros?

Entre os pais que recorreram a medicamentos para a tosse ($n = 141$), a maioria (72%) considerou ter havido melhoria dos sintomas, 23% que a tosse permaneceu igual e 1% que tinha piorado.

A impressão dos pais acerca da eficácia e segurança dos fármacos foi aferida através das afirmações “Os medicamentos para a tosse podem ser perigosos” e “Os xaropes para a tosse são eficazes e seguros”. A primeira afirmação obteve 38% de respostas neutras, 37% de respostas concordantes e 19% discordantes. Na segunda afirmação, a resposta mais frequente (47%) foi neutra. Cerca de um terço (30%) respondeu que concordava e 18% que discordava (Tabela 1). Em nenhum dos casos houve relação com o nível de escolaridade.

Discussão

A tosse é um dos motivos mais frequentes de recurso à urgência e à consulta e que, por isso mesmo, implica um consumo significativo de recursos humanos e materiais.¹¹⁻¹³ Assim, este tema assume particular relevância não só pela sua frequência e impacto económico, mas, acima de tudo, pelos potenciais efeitos nefastos para a saúde da criança decorrentes da utilização de medicamentos para a tosse.

Os resultados deste estudo vieram apoiar a ideia de que a tosse é, de facto, alvo de ansiedade e receio por parte dos pais. Apesar de, na sua maioria, a entenderem como um processo fisiológico, apenas um quarto dos pais estava certo de não trazer malefícios e mais de metade admitiu ficar muito preocupado quando o seu filho tem tosse. Em termos teóricos, o conceito da tosse como mecanismo de defesa parece ser compreendido pelos pais, contudo tal não parece amenizar o seu nível de ansiedade nem ser suficiente para a manutenção de atitudes mais expectantes na abordagem da tosse.

A persistência da tosse e a presença simultânea de febre parecem ser alguns dos fatores que mais contribuem para essa ansiedade, assim como o receio de que a tosse possa levar a dificuldade respiratória.

O facto de pais mais instruídos demonstrarem maior concordância com o papel de defesa da tosse e maior discordância com as suas consequências negativas sugere que, efetivamente, um maior nível educacional se associa a uma perspetiva mais adequada. No entanto, e contrariamente ao que seria de esperar, os pais com maior nível de escolaridade apresentam níveis da ansiedade e preocupação com a tosse semelhantes aos restantes.

À semelhança daquilo que tem sido reportado noutros estudos, verificou-se uma elevada utilização de fármacos, quer de forma habitual (49%) quer no passado mais recente (56%). Em comparação com outros estudos que mostraram taxas de utilização de 82,5%, 83,3% e 82%,^{7,9,10} os presentes resultados são significativamente inferiores, aproximando-se dos 42,8% relatados também por outros autores.¹⁵ Destaca-se, no entanto, que 34% das crianças com menos de 2 anos foram tratadas com fármacos recentemente, das quais mais de metade (62%) por indicação médica, contrariando as recomendações atuais.

Realça-se mais uma vez a importância da educação, já que pais mais instruídos parecem ter menos tendência para tratar a tosse com medicamentos. Assim, considera-se que uma melhor formação e educação para a saúde poderão eventualmente contribuir para desmistificar a tosse e diminuir o recurso a fármacos.

Constatou-se uma elevada prescrição médica de fármacos (62%), inclusive de pediatras, responsáveis por cerca de um terço destas. Estudos efetuados noutras países têm igualmente demonstrado elevadas taxas de prescrição neste contexto.¹⁶⁻¹⁸ Em Espanha, o último inquérito nacional (2011-2012) revelou que 48% das crianças e adolescentes até aos 15 anos tinham consumido um medicamento para a tosse e sintomas gripais nas últimas duas semanas, dos quais 75% tinham sido prescritos por um médico.¹²

Em suma, apesar da evidência mais recente apontar para uma relação risco-benefício desfavorável à utilização destes fármacos em crianças,^{2,3} existe ainda uma proporção significativa de médicos que os aconselha. A pressão exercida pelos pais e as suas expectativas de obter uma solução rápida e eficaz que determine o alívio dos sintomas pode ser um dos fatores mais influentes na decisão da prescrição.¹⁹ Num estudo norte-americano, 48% dos médicos inquiridos apontaram este aspeto como a principal barreira ao cumprimento das recomendações da FDA.⁸

Outro fator a ter em conta é a venda livre de medicamentos não sujeitos a receita médica. Em quase um terço das crianças medicadas (29%) o medicamento foi recomendado por um farmacêutico. Este aspeto acarreta problemas acrescidos, já que existem no mercado muitas formulações diferentes, algumas delas com associações de várias substâncias ativas, o que aumenta o risco de sobredosagem, toxicidade e efeitos adversos.¹ Os resultados parecem transparecer que a impressão dos pais acerca da eficácia e segurança dos medicamentos para a tosse não é consistente. Se por um lado um terço (36%) acreditava que os fármacos podiam ser prejudiciais, por outro uma proporção semelhante não se comprometeu com uma resposta (38%). Mais de metade (72%) tinha uma noção empírica de eficácia dos mesmos, mas apenas 30% são perentórios em afirmar que são eficazes e seguros. Estes resultados levam a crer que o conhecimento e a opinião dos pais não são sólidos nem fundamentados e que há a necessidade de esclarecimento destas questões.

Assim, é fundamental um adequado aconselhamento aos pais sobre a eficácia e os riscos da farmacoterapia. Destaca-se a importância da formação contínua dos profissionais de saúde, quer médicos, quer não médicos, para que a informação transmitida aos pais e cuidadores seja coerente e precisa.

Este estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, o recurso a uma amostra de conveniência, que pode não ser representativa da população portuguesa.

Além disso, a formulação das questões no formato de escolha múltipla pode ter induzido algumas respostas, não correspondendo inteiramente à prática real, nomeadamente no que diz respeito à prescrição médica. Por último, os participantes podem ter maior interesse no tema do que aqueles que não participaram, o que pode constituir um viés.

Até à data não existia nenhum estudo sobre esta temática em Portugal, desconhecendo-se por completo dados tão importantes como as taxas de utilização de fármacos no tratamento da tosse, o tipo de fármacos utilizados, o padrão de prescrição médica, entre outros. Nesse sentido, este estudo vem contribuir para conhecer e compreender melhor aquela que é a perspetiva dos pais sobre a tosse, as suas atitudes e expectativas e alertar para a necessidade de investir, não só na formação dos pais, mas também dos técnicos de saúde.

O QUE ESTE ESTUDO TRAZ DE NOVO

- A tosse é um sintoma mal compreendido pelos pais e que leva a uma utilização frequente de fármacos em todas as faixas etárias.
- Pais com maior grau de instrução têm uma perspetiva mais adequada da tosse e das suas consequências e menor tendência para recorrer à farmacoterapia.
- Existe uma elevada taxa de prescrição médica de fármacos para o tratamento da tosse, inclusive em crianças abaixo dos 2 anos de idade.

Conflitos de Interesse

Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse na realização do presente trabalho.

Fontes de Financiamento

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

Proteção de Pessoas e Animais

Os autores declaram que os procedimentos seguidos estavam de acordo com os regulamentos estabelecidos pelos responsáveis da Comissão de Investigação Clínica e Ética e de acordo com a Declaração de Helsínquia da Associação Médica Mundial.

Confidencialidade dos Dados

Os autores declaram ter seguido os protocolos do seu centro de trabalho acerca da publicação dos dados de doentes.

Agradecimentos

Os autores agradecem a toda a equipa médica e de enfermagem da urgência pediátrica do Hospital Garcia de Orta pela sua contribuição no estudo.

Apresentações e Prémios

O estudo foi previamente apresentado em formato poster no 8th Excellence in Pediatrics Conference, em dezembro de 2016.

Referências

1. Vernacchio L, Kelly JP, Kaufman DW, Mitchell AA. Cough and cold medication use by US children, 1999-2006: Results from the slone survey. *Pediatrics* 2008;122:323-9.
2. Schroeder K, Fahey T. Should we advise parents to administer over the counter cough medicines for acute cough? Systematic review of randomised controlled trials. *Arch Dis Child* 2002;86:170-5.
3. Smith S, Schroeder K, Fahey T. Over-the-counter (OTC) medications for acute cough in children and adults in ambulatory settings. *Cochrane Database Syst Rev* 2014;11:CD001831.
4. Schaefer M, Shehab N, Cohen A, Budnitz D. Adverse events from cough and cold medications in children. *Pediatrics* 2008;121:783-7.
5. Gunn VL, Taha SH, Liebelt EL, Serwint JR. Toxicity of over-the-counter cough and cold medications. *Pediatrics* 2001;108:E52.
6. Wingert WE, Mundy LA, Collins GL, Chmara ES. Possible role of pseudoephedrine and other over-the-counter cold medications in the deaths of very young children. *J Forensic Sci* 2007;52:487-90.
7. Hanoch Y, Gummerum M, Miron-Shatz T, Himmelstein M. Parents' decision following the Food and Drug Administration recommendation: The case of over-the-counter cough and cold medication. *Child Care Health Dev* 2010;36:795-804.
8. Garbutt J, Sterkel R, Banister C, Walbert C, Strunk R. Physician and parent response to the FDA advisory about use of over-the-counter cough and cold medications. *Acad Pediatr* 2010;10:64-9.
9. Yaghamai BF, Cordts C, Ahlers-Schmidt C, Issa BA, Warren RC. One community's perspective on the withdrawal of cough and cold medications for infants and young children. *Clin Pediatr* 2010;49:310-5.
10. Lazarus SG, Lanski SL, Smith AS, Simon HK. Cold preparation use in young children after FDA warnings: Do concerns still exist? *Clin Pediatr* 2013;52:534-9.
11. Domínguez Aurrecochea B, Martín Rodríguez D, García Mozo R. Morbilidad en pediatría de atención primaria en Asturias. *Pediatr Aten Primaria* 2006;29:21-37.
12. Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad. Encuesta nacional de salud de España 2011-2012 [consultado em 2 de setembro de 2016]. Disponível em: <https://www.msssi.gob.es/estadEstudios/estadisticas/encuestaNacional/encuestaNac2011/encuestaResDetall2011.htm>
13. Centers for Disease Control and Prevention. National ambulatory medical care survey: 2010 summary tables [consultado em 10 de novembro de 2016]. Disponível em: http://www.cdc.gov/nchs/data/ahcd/namcs_summary/2010_namcs_web_tables.pdf
14. Miller EK, Williams JV. The common cold. In: Kliegman R, Behrman R, Nelson W, editors. *Nelson textbook of pediatrics*. 20th ed. Philadelphia: Elsevier; 2016.p.2011-4.
15. Trajanovska M, Manias E, Cranswick N, Johnston L. Use of over-the-counter medicines for young children in Australia. *J Paediatr Child Health* 2010;46:5-9.
16. Norazida AR, Sivasampu S, Teng CL. Cough and cold medication in children: A public health concern. *Med J Malaysia* 2014;69:219-23.
17. Cano Garcinuño A, Casares Alonso I, Rodríguez Barbero J, Pérez García I, Blanco Quirós A. Prescripción de fármacos anti-catarrales de uso sistémico a niños de 0-13 años. Un problema no resuelto. *An Pediatr* 2013;78:43-50.
18. Suárez-Castañón C, Modroño-Riaño G, López-Vilar P, Martínez-Blanco J, Iglesias-Cabo T, Solís-Sánchez G. Use of cold and cough medications prescribed in primary care clinics for children less than 14 years. *An Pediatr* 2016;84:10-7.
19. Little P. Importance of patient pressure and perceived pressure and perceived medical need for investigations, referral, and prescribing in primary care: Nested observational study. *BMJ* 2004;328:444-50.